

NEODARWINISMO SOCIAL E MÚLTIPLAS TENSÕES NO CAPITALISMO EM CRISE

Armen Mamigonian

Professor do Departamento de Geografia da FFLCH-USP





final do século XX vive um refluxo das lutas sociais, caracterizando-se, do ponto de vista intelectual, por uma enorme ideologização de extrema-direita, patrocinada pelo grande capital mundial, sobretudo norte-americano, momentaneamente vitorioso. Numa certa medida é uma repetição piorada de outras conjunturas econômicas depressivas típicas do capitalismo, como ocorreu nas últimas décadas do século XIX e nas décadas imediatamente seguintes à Primeira Guerra Mundial. Quando se instala uma fase de crise econômica prolongada, as tensões sociais, políticas, étnicas, nacionais, ideológicas, etc. se agravam, revelando o enorme potencial destrutivo e irracional do capitalismo e assim a sociedade burguesa torna-se conjunturalmente mais neurótica (E. Morin: *Cultura de massas no século XX*).

É útil relembra que em 1873 iniciou-se uma grave crise na economia européia, sobretudo inglesa, que intuitivamente foi percebida por F. Engels, no final do século XIX, como uma grande depressão (durou até 1896) e que os levantamentos estatísticos feitos na URSS por N. Kondratieff nos anos vinte do século atual vieram confirmar. A crise resultou de uma queda da

lucratividade do capital (que se repete periodicamente), em decorrência do esgotamento da máquina a vapor como invenção revolucionária na indústria e logo depois nos transportes.

Assim, o período 1876-1896 caracterizou-se por uma corrida técnico-científica acelerada em direção a novas invenções que ajudassem a alavancar a lucratividade (corrida que se deu sobretudo nos

Uma das idéias mais difundidas entre as classes dominantes na Europa e nos Estados Unidos nas três últimas décadas do século XIX foi o chamado darwinismo social, que misturava A. Smith, Lamarck e Darwin e cujo ideólogo principal, Spencer, é o autor da expressão “sobrevivência do mais forte”

Estados Unidos e na Alemanha), enquanto paralelamente ocorria uma outra corrida em direção às conquistas coloniais e na aplicação de capitais ociosos fora da Europa, na construção de estradas-de-ferro, portos etc. na América do Norte, América Latina, Ásia e África, sob liderança da Inglaterra e da França sobretudo, dando origem ao que foi sendo chamado de imperialismo (Hobson, Lênin e outros). Em resumo, com a contração do mercado capitalista, em decorrência da crise, os capitais se tornaram agressivos, quer na pro-

cura de novas invenções, quer na conquista militar das colônias e áreas de influência.

Por outro lado, a contração do mercado capitalista dentro de cada nação acirrou o conflito entre empresas, provocando o desaparecimento das empresas mais fracas, assim como acirrou os conflitos entre capitalistas e trabalhadores, levando em alguns casos à implantação da legislação trabalhista de cima para baixo (Alemanha), com a finalidade de garantir a paz social no *front* interno, para poder enfrentar mais agressivamente o *front* externo, com palavras de ordem de nacionalismo agressivo. Não é preciso dizer que a crise atingiu não só as empresas menores, engolidas pelas maiores, os assalariados, mas também as classes médias em processo de empobrecimento.

Assim sendo, não é surpreendente, nas circunstâncias acima apontadas, a expansão das idéias críticas ao sistema capitalista (marxismo, anarquismo), como também das idéias que “explicitassem” a crise como fenômeno natural e que enaltescessem os vitoriosos (grandes capitalistas) e denegrissem aqueles que eram agredidos ou derrotados pela dura realidade (pobres, negros, povos colonizados etc.).

É sintomático que uma das idéias mais difundidas entre as classes dominantes na Europa e nos Estados Unidos nas três últimas décadas do século XIX tenha

sido o chamado darwinismo social, que misturava A. Smith, Lamarck e Darwin e cujo ideólogo principal, H. Spencer, foi o responsável pela expressão “sobrevivência do mais forte”. Sua viagem aos Estados Unidos em 1882 foi um grande sucesso, pois ajudou seus seguidores a aprofundar suas idéias: “os milionários são produtos da seleção natural”, como disse um famoso professor de Yale, assim como “Deus quis que os grandes fossem grandes e os pequenos fossem pequenos”, como pregava um conhecido pastor protestante, que além de confortar seus ricos paroquianos quanto à legitimidade de suas fortunas, também confortava suas esposas, de outra maneira naturalmente (J.K. Galbraith: *A era da incerteza*, cap. II).

Se os Vanderbilt, Rockefeller, Carnegie e outros eram incensados por essas fumaças ideológicas, por outro lado eles eram na visão popular os “barões-ladrões”, que conquistavam títulos nobiliárquicos com o dinheiro ganho em jogadas escusas, como os monopólios impostos freqüentemente de maneira criminosa (nos dias de hoje a Microsoft repete os métodos, em circunstâncias econômicas parecidas). Como destruíram seus concorrentes mais fracos sem dó e nem piedade, passaram a ser chamados pelos críticos populares de “dinossauros”,

confirmando a visão selvagem que o próprio darwinismo social difundia sobre a sociedade que estava se formando. Curiosamente os ideólogos burgueses de hoje usam a expressão criada um século atrás sem conhecerem suas origens, pois como disse G. Lukács “o cerne não histórico, anti-histórico, do pensamento burguês, surge em seu aspecto mais patente quando examinamos o problema do presente como problema histórico”.

O racismo e o anti-semitismo do final do século XIX foram aperfeiçoados pelas idéias nazistas e fascistas e introduzidos na propaganda de massa, o cinema por exemplo. Desde os anos 70 recomeçaram as ladainhas reacionárias, o que nos leva a crer que o darwinismo social não é uma relíquia do passado

É preciso relembrar que as ideologias reacionárias e suas práticas políticas no final do século XIX não ficaram nos limites civilizados, mas avançaram para “excessos”, como diriam os professores universitários, já que o biologismo acima apontado partiu para o racismo em A. Gobineau (*Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*). A crise do capitalismo naquele período precisava encontrar bodes expiatórios nas perseguições

aos estrangeiros, na ridicularização aos árabes e negros, na pregação do chamado “perigo amarelo” e também no anti-semitismo, latente na Europa e que se transformou nesta época em perseguições sanguinárias. O caso individual mais conhecido foi o do capitão Dreyfus, na França, que além de tudo redundou em perseguições ao seu defensor, E. Zola (H. Troyat: *Zola*, cap. XXIII



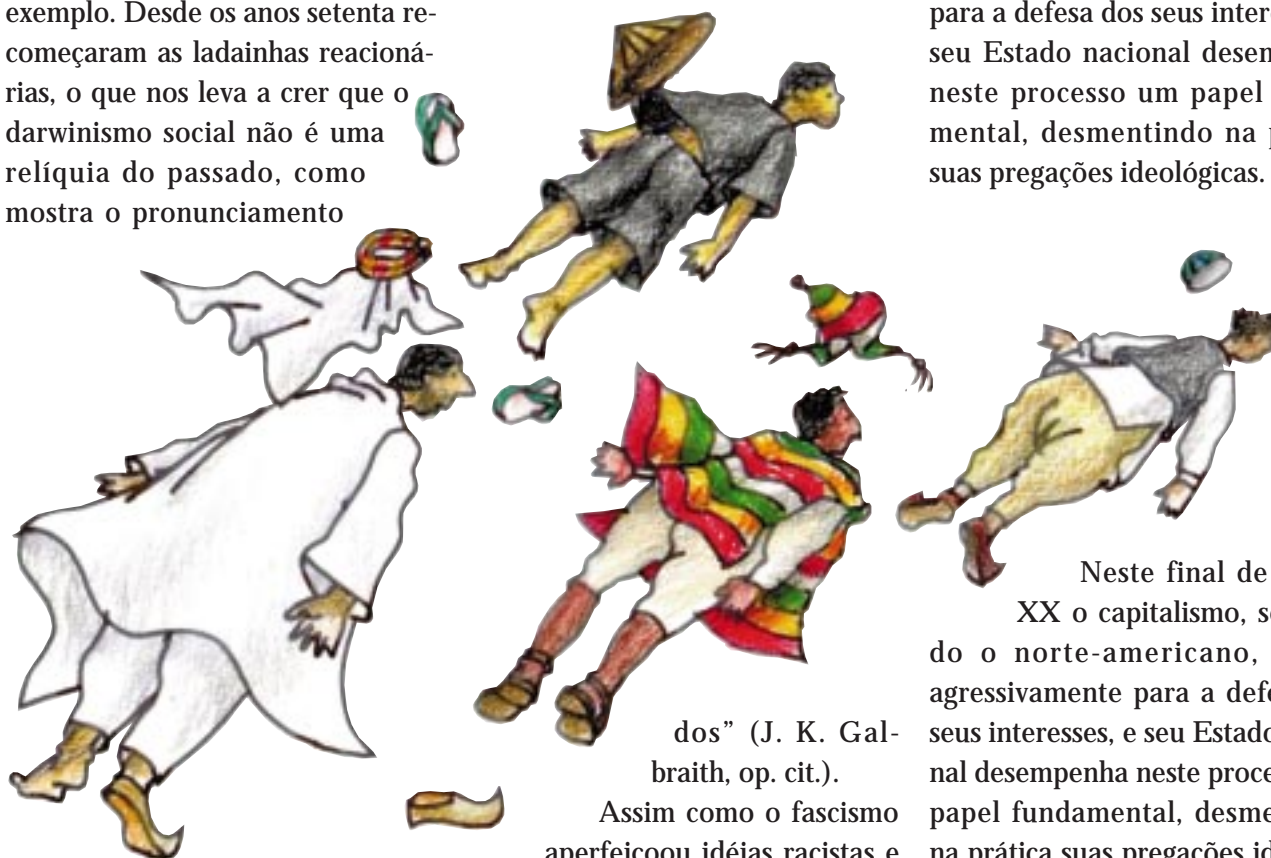
e seguintes), como ocorre com muitos que combatem as injustiças atuais.

As novas crises capitalistas nas décadas seguintes à Primeira Guerra Mundial e nas últimas décadas deste século voltaram a agravar as tensões políticas, sociais, étnicas, etc. O racismo e o anti-semitismo do final do século XIX foram aperfeiçoados pelas idéias nazistas e fascistas e introduzidos na propaganda de massa, o cinema por exemplo. Desde os anos setenta começaram as ladainhas reacionárias, o que nos leva a crer que o darwinismo social não é uma relíquia do passado, como mostra o pronunciamento

Neste final de século XX o capitalismo, sobretudo o norte-americano, partiu agressivamente para a defesa dos seus interesses, e seu Estado nacional desempenha neste processo um papel fundamental, desmentindo na prática suas pregações ideológicas

(neoliberalismo), discursos políticos de puro *marketing*, incluindo bodes expiatórios (comparem-se os discursos dos dirigentes das democracias ocidentais de meados do século com os discursos atuais), programação de televisão de tipo hollywoodiana, como já propunha precocemente Goebbels para o cinema.

Neste final de século XX o capitalismo, sobretudo o norte-americano, partiu agressivamente para a defesa dos seus interesses, e seu Estado nacional desempenha neste processo um papel fundamental, desmentindo na prática suas pregações ideológicas.



de N. Rockefeller, propondo cortes nos gastos sociais americanos, em 1975: “um dos problemas deste país é que temos uma tradição judaico-cristã de sempre querer ajudar os necessita-

dos” (J. K. Galbraith, op. cit.).

Assim como o fascismo aperfeiçoou idéias racistas e anti-semitas do final do século XIX, nós assistimos após 1973-74 a um aperfeiçoamento das idéias e práticas fascistas, com disfarces democráticos e populistas, sob forma de pensamento único para a economia

Neste final de século XX o capitalismo, sobretudo o norte-americano, partiu agressivamente para a defesa dos seus interesses, e seu Estado nacional desempenha neste processo um papel fundamental, desmentindo na prática suas pregações ideológicas. Com a eclosão da crise (choque do petróleo), os Estados Unidos foram pegos de surpresa e demoraram a reagir, iniciando a inflexão de sua política econômica no governo Reagan (década de

80). Endividando-se no mercado interno e sobretudo externo, o governo realizou imenso programa keynesiano, sobretudo o recrudescimento da corrida armamentista, paralelamente ao estímulo à reestruturação industrial e, em seguida, à adoção de uma política agressiva de abertura dos mercados estrangeiros aos seus produtos.

Aliás, o que se passou a chamar de “globalização”, exceção da ciranda financeira que avançou geometricamente, consistiu basicamente na política de submeter México, Argentina, Brasil e recentemente a Europa Oriental à abertura escancarada dos seus mercados aos interesses imperialistas, principalmente americanos. Mais do que qualquer outra coisa a “globalização” é um projeto norte-americano de submeter o mundo aos seus interesses (ler os escritos de R. Boyer, P. Nogueira Batista Filho e A. Biondi).

Para os intelectuais que não estão alugados aos interesses norte-americanos é visível a olho nu que as idéias de enfraquecimento do papel do Estado nacional na conjuntura atual não passam de ilusão, quando se trata do Estado nas economias imperialistas, seja nos Estados Unidos, na Alemanha, na França, etc. já que eles continuam atuando de maneira rigorosa no esforço de seus respectivos capitais nacionais. Por acaso a privatização na França não visa privilegiar os capitais

franceses? E os recursos obtidos não são reinjetados nas empresas francesas, TGV, Airbus e outras?

Enquanto isto, os Estados comunistas são desmontados para atender às necessidades de expansão dos países capitalistas avançados, principalmente a Alemanha, que apadrinhou junto com o Vaticano a “independência” da Croácia e da Eslovênia, pacificamente, mas militarmente a “independência” da Bósnia, onde se constatou

Cayman. É interessante notar que a “independência” de Kosovo não foi uma iniciativa européia, mas norte-americana, provavelmente porque o avanço geo-político da Alemanha na Europa Oriental está sendo considerado excessivo.

Estas considerações não são novidade para ninguém minimamente informado, menos ainda para os jornais, TV e intelectuais de várias ordens, mas que não falam destas coisas “perigosas”. São desconhecidas as dezenas de incêndios das igrejas de negros no sul dos Estados Unidos nos últimos anos?

Por isto podem parecer chocantes as opiniões do Lord Curzon, que foi vice-rei inglês da Índia na passagem do século XIX para o XX, autor de livros de observações sobre o Irã, a Rússia e a Ásia Central, e o Extremo-Oriente, e que assim se expressou sobre os interesses ingleses: “Turquestão, Afega-

nistão, Transcaucásia, Pérsia, para muitos essas palavras exalam um sentido longínquo extremo, a lembrança de inesperadas vicissitudes e de um fascínio agonizante. Para mim, confesso, elas representam as peças de um tabuleiro de xadrez, em que se joga o jogo do domínio do mundo”. Chocantes para quem? Para alguns professores das Ciências Sociais e da FEA, para os quais o imperialismo já acabou faz tempo, desde que eles “amadureceram”. **RA**

Para os intelectuais não alugados aos interesses norte-americanos é visível a olho nu que as idéias de enfraquecimento do papel do Estado nacional na conjuntura atual não passam de ilusão, quando se trata do Estado nas economias imperialistas, seja nos Estados Unidos, na Alemanha ou na França

neste ano o desvio de até US\$ 1 bilhão em dinheiro público e de ajuda internacional, afinal o preço cobrado pela traição nacional, como os dólares de Yeltsin desviados para paraísos fiscais não tão distantes quanto as ilhas

